

ESCALA DE AUTO-ESTIMA DE TOULOUSE E ESCALA DE ESTIMA DE SI DE ROGERS: COMPARAÇÃO ENTRE FUMADORES E NÃO FUMADORES

P. Tap, J. Hipólito, C. Melo e M. Teceideiro
UAL – Departamento de Psicologia

Num universo total de 1000 sujeitos, os autores vão elaborar uma comparação de resultados entre um grupo de fumadores e um grupo de não fumadores, usando como instrumentos a Escala de Estima de Si, de Carl Rogers, e a Escala de Estima de Si de Toulouse. Os autores esperam, com este estudo, confirmar resultados obtidos em estudos anteriores conduzidos em populações mais restrictas. Nesses estudos foram encontradas diferenças significativas nos “scores” de auto-estima em função da variável “Tabagismo”, quer isolada quer correlacionada com a variável “sexo”.

VALORES DE AUTO-ESTIMA EM PORTUGAL E FRANÇA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

P. Tap, M. Teceideiro, C. Melo e M. Pires
UAL – Departamento de Psicologia

Aproveitando os resultados obtidos nos estudos apresentados anteriormente, e numa investigação conjunta com a Universidade de Toulouse-le-Mirail, os autores propõem-se validar os resultados obtidos na Escala de Auto-estima de Toulouse e na Escala de Estima de Si de Rogers, numa amostra da população portuguesa (1000 sujeitos, entre os 16 e os 80 anos), e posteriormente verificar a existência de algumas semelhanças e diferenças relativamente a uma amostra da população francesa (2000 sujeitos, entre os 12 e os 20 anos). Esta investigação serve, essencialmente, o objectivo de validar a escala de Estima de Si de Rogers e a Escala de Auto-estima de Toulouse, para a população portuguesa. Aborda, ainda, determinadas questões metodológicas associadas à própria construção das ditas escalas de auto-estima.

SIMPÓSIO – A UTILIDADE DA AVALIAÇÃO (NEURO)PSICOLÓGICA NA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA: EXEMPLOS DE DIFERENTES CONTEXTOS

Sala 1 • dia 29 • 09:00-10:00

Coordenadora: *Rute Meneses*
Universidade Fernando Pessoa

APRESENTAÇÃO:

O objectivo principal do presente simpósio é suscitar uma reflexão: sobre o constructo Qualidade de Vida (QDV), enquanto constructo científico; sobre a avaliação da QDV; e sobre as possibilidades de promoção da QDV, em diferentes contextos.

Para tal, são apresentados alguns exemplos de avaliação (neuro)psicológica mais ou menos tradicional. Esta avaliação é aqui encarada como uma das primeiras etapas no processo de promoção da QDV, pois permite recolher dados sobre, virtualmente, todos os domínios da QDV. Assim, é apresentado um estudo sobre avaliação (neuro)psicológica de jovens e adultos com patologia crónica, no contexto hospitalar, um estudo sobre avaliação (neuro)psicológica de jovens saudáveis no contexto formativo e dois estudos sobre avaliação (neuro)psicológica de crianças no contexto educativo, tendo um deles implicações no “contexto” do lazer/comunitário.

A metodologia e os resultados dos quatro estudos são analisados tendo como grelha de leitura o modelo de QDV da OMS e o de Spilker (1990). Defende-se que, com o aparecimento de modelos e teorias sobre QDV, a análise da investigação e prática (biopsicossocial) à luz desta(s) grelha(s) pode sugerir, de modo sistemático, áreas que carecem de mais investigação e intervenção, bem como as complementaridades entre diferentes áreas/práticas/contextos.

ESTIMULAÇÃO COGNITIVA

H. Bilimória
Universidade do Minho

No âmbito do movimento do Ensinar a Pensar realizou-se uma investigação, com o objectivo de verificar os efeitos da aplicação de um programa de desenvolvimento cognitivo: o Promoção Cognitiva no desempenho cognitivo em alunos do 8º ano.

Recorreu-se a uma metodologia quasi-experimental (pré e pós-teste; grupo experimental e grupo de comparação). O desempenho cognitivo foi avaliado em todos os sujeitos, nos dois momentos (pré e pós-teste) através de provas de carácter cognitivo: BPR – 5 e dos resultados escolares. Verificou-se que não houve diferenças estatisticamente significativas entre o grupo experimental e o grupo de comparação no que concerne às provas cognitivas ($F(5)=0,41$, $p>0,05$). Porém, encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa, entre o grupo experimental e o grupo de comparação, ao nível das médias da disciplina de Língua Portuguesa, com vantagem para o primeiro grupo ($t=-3,075$, $p<0,01$).

Estes resultados, em parte, corroboram outros encontrados em investigações prévias. Por outro lado, atendendo aos resultados na disciplina de Língua Portuguesa, vêm salientar a importância da mediação dos processos metacognitivos – a discussão entre os pares e a síntese da discussão pelo adulto, com o intuito de promover a internalização do discurso e uma maior consciencialização dos processos e da auto-regulação do seu uso, com vista à transferência das aprendizagens, podem ser considerados o pilar de toda a intervenção com objectivos de promoção do desenvolvimento cognitivo.

“MEDIR” A ARTE: UM “SACRILÉGIO” URGENTE

L. Rocha e J. L. Coimbra
FPCE – Universidade do Porto

A ideia de que a arte pode ser pensada, que a interacção com a arte é um fenómeno mensurável, é considerada por muitos como um sacrilégio. No entanto, a existência de estudos empíricos neste domínio denota uma mudança, consolidando o desenvolvimento estético como uma das dimensões do desenvolvimento cognitivo. Interessam-nos duas áreas de investigação: as concepções gerais sobre a arte; e a forma como as pessoas compreendem os objectos de arte. O presente estudo é o primeiro passo no desenvolvimento de um instrumento de avaliação das concepções gerais sobre a arte, explorando, ao mesmo tempo, a pertinência da inclusão de tais concepções num instrumento de avaliação da compreensão da arte. A amostra é constituída por 158 sujeitos de três anos de escolaridade do Ensino Fundamental Brasileiro, com uma média de idades de 11,9 anos, sendo 51,3% do género masculino. Os resultados apontam para existência de diferenças na definição da arte por parte de alunos de diferentes anos de escolaridade (Pearson $\chi^2=67,398$, $df=18$, $p=0,0001$), sendo que a definição “arte é algo bonito” decresce ao longo dos anos de escolaridade, e a definição de arte como “expressão de sentimentos” aumenta entre o 4.º e o 7.º ano. Espera-se que o desenvolvimento deste instrumento contribua para a adaptação das estratégias de promoção do desenvolvimento estético, nomeadamente no contexto educativo.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

C. Silva
Centro de Formação Profissional da Indústria de Calçado, S. João da Madeira

Seguindo uma visão integradora da Qualidade de Vida, surgem interrogações sobre a pertinência da avaliação dos candidatos a Formação Profissional e das implicações ao nível do seu Percorso Formativo.